

FOLHA DE S. PAULO

55
ANOS

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 96 ★ DOMINGO, 17 DE JULHO DE 2016 ★ Nº 31.882

EDIÇÃO NACIONAL ★ CONCLUÍDA ÀS 20H51 ★ R\$ 6,00

Bradesco CVC FOLHA DE S. PAULO

DOMINGO, 17 DE JULHO DE 2016 ★ ★ ★ esporte B3

FERNANDO SCHERER
ESPECIAL PARA A FOLHA

O sonho da medalha olímpica já havia sido sentido em 1996, quando conquistei o bronze nos 50 m livres nos Jogos de Atlanta, nos EUA.

O sabor do pódio é doce. Tão saboroso e prazeroso quanto uma das maiores drogas que existe, a adrenalina.

Quatro anos depois, cheguei a Sidney tendo sido o número 1 do mundo nos 50 m livres e 100 m livres em 1998, quando fui eleito o melhor nadador do planeta, e com quatro outros obtidos no Pan de Winnipeg, em 1999.

Mas 2000 refletiu um processo doloroso e de sofrimento. Os treinamentos começaram exaustivos, dada a responsabilidade de ser o número 1 do mundo e a chance real de ganhar um ouro olímpico.

Aumentei muito o volume, em milhares de metros, durante um período de três semanas que passei nas Ilhas Virgens. Porém, tive uma infecção dentária que fez com que eu perdesse um pouco de massa muscular no período.

Foi curioso descobrir que uma coisa tão simples poderia ter destruído todo um trabalho que fiz naquele ciclo.

Em meio a isso, comecei a perder noites e mais noites de sono a meros três meses do evento. Sonhava com a prova dos 50 m livres. Em minha visão, sempre levava o ouro. Acordava suado, mas feliz.

Numa tarde de sábado, depois de um treinamento, a apenas duas semanas da ida para a Austrália, rompi completamente três ligamentos do meu calcanhar direito. Estava em minha casa, nos EUA.

Chorei como criança e vi o chão desabando em minha frente. Demorei a acreditar que aquilo era verdade.

Fui ao encontro de meu treinador, Michael Lohberg, que Deus o tenha [morreu em 2011], e visitamos um médico, para verificar o grau da lesão. Ela era muito séria.

Liguei para minha mãe, pedi apoio e que ela fosse para os EUA. Tadinha dela... No mesmo dia em que ela pôs, viajei em direção ao Rio a pedido do presidente da confederação de desportos aquáticos, Coaracy Nunes.

Comecei a fazer fisioterapia, praticamente 24 horas por dia. Tive uma equipe à minha disposição, e aí entrou na história uma pessoa que acabou sendo muito importante, o [psiquiatra Roberto Shinyashiki]. Ele me ajudou a buscar forças em lugares onde nem sabia ser possível.

Dormia falando ao telefone, ele de São Paulo e eu do Rio. O Roberto me pediu para pensar em coisas positivas, que me dessem alegria e paz ao meu espírito, já que durante o dia eu tinha uma batalha a ser vencida contra a dor.

A viagem para a Austrá-

lia ocorreria pela noite. Eu tinha índice para nadar minhas provas, mas ali não dependia mais de mim. E, sim, da equipe médica que me avaliava.

Lembro que eles disseram que só me autorizariam a ir se eu fizesse uma infiltração para aliviar a dor e reduzir um pouco o inchaço no local.

Se tem algo que dói nessa vida é a infiltração. Recordo que soquei o médico ao mesmo tempo em que, chorando, eu o agradei por ter me liberado para fazer a viagem.

Em terra, em Camberra, fiz contato com a equipe brasileira. A bem da verdade, não era o que eu queria. Tinha programado ficar com meu treinador, que era a pessoa em que mais confiava, e com companheiros de treinos nos EUA em outra cidade.

Fiquei a ponto de explodir e, de fato, acabei explodindo. Logo no primeiro treino. A comissão técnica queria que eu fizesse um exame an-

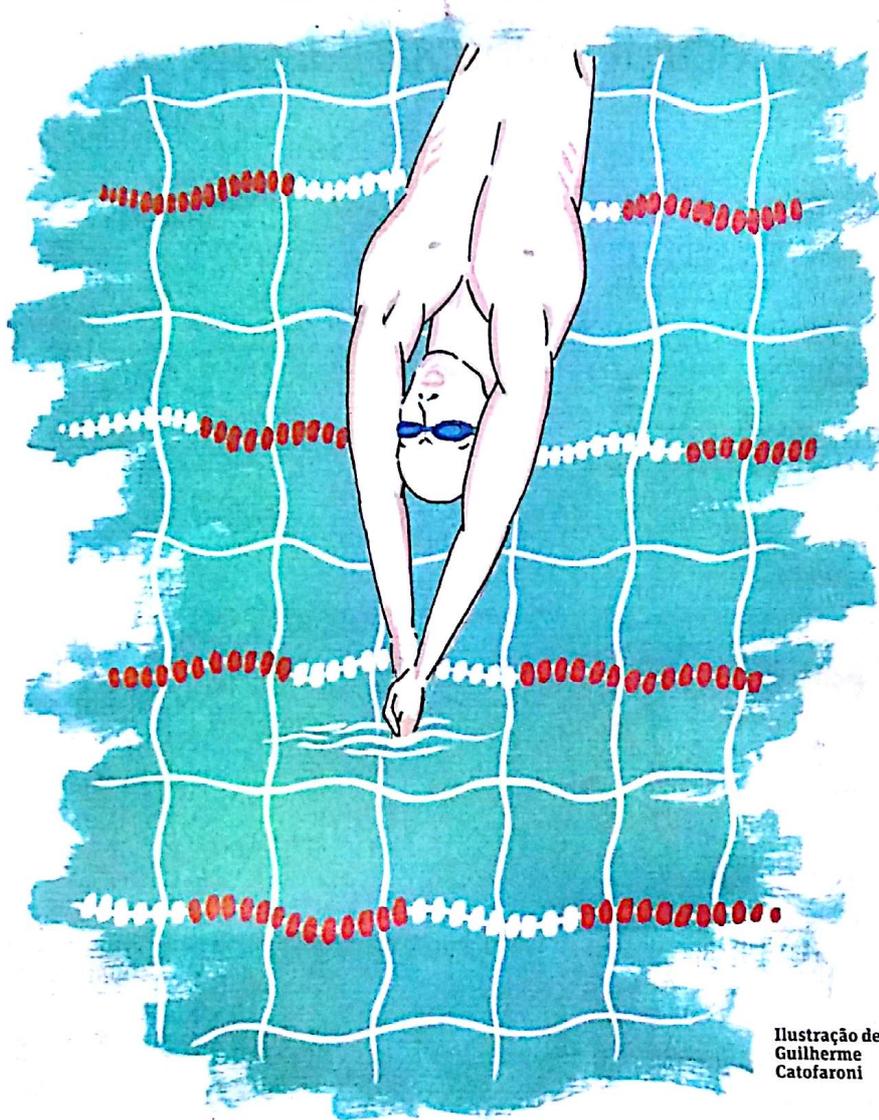


Ilustração de
Guilherme
Catofaroni



NOME
Fernando de Queiroz Scherer

NASCIMENTO
6.out.1974 (41 anos)

APELIDO
Xuxa

NA OLIMPIÁDA
Atlanta-1996 e Sydney-2000

FEITOS
- Bronze em Atlanta-1996
- Bronze em Sydney-2000

Em uma noite, levei o Gustavo Kuerten para ver as finais da natação e notei como todos os atletas o admiravam. De certa forma, me inspirou.

Enfim, chegava o dia de nadar o revezamento 4 x 100 m livre, ao lado de Gustavo Borges, Carlos Jayme e Edvaldo Valério. Na eliminatória, nada para 50s43, marca muito inferior àquela de 1998.

Mesmo assim, nos classificamos para a final. Mais do que isso, vimos que a Holanda, uma das nossas concorrentes ao pódio, foi desclassificada. Vibrei, fui até antídico, mas não me importei.

O Gustavo ficou morrendo de vergonha ao meu lado. Poxa, mas os adversários comemoraram o fato de eu ter três ligamentos rompidos. Eu não podia festejar algo positivo?

Pouco depois, mais sério, o Gustavo me perguntou: "que prova foi aquela?". Queria saber por que eu nadei tão mal e feio, me debatendo.

Ele pediu para mudar a ordem do revezamento, que eu não mais o abrisse. Não aceitei e bati o pé para abrir, como sempre havia feito nos oito anos anteriores. Prometi que iria melhor para a final.

O Gustavo era o grande líder, a referência. Me deu um grande voto de confiança quando falou que eu abria.

A tarde, na final, abri para 49s69. Melhorei em quase um segundo. Gustavo caiu em seguida e foi sucedido pelo Jayme. O Edvaldo, que nós chamávamos de Bala, fechou.

Tinha gente que dizia que ele era lento, mas aquele baiano era muito do rápido. Terminamos com o bronze.

Lembro-me de vibrar, pular intensamente com meus companheiros de equipe. Acabei por nem me lembrar do meu calcanhar lesionado.

Dediquei a medalha à equipe que cuidou de mim.

A natação é esporte individual, mas tudo depende de mais pessoas, do coletivo.

RIO 2016
MEU MOMENTO OLÍMPICO

Dor

INFECÇÃO DENTÁRIA E RUPTURA EM LIGAMENTOS DO CALCANHAR ATRAPALHARAM BUSCA DE XUXA PELO OURO EM SYDNEY, EM 2000

tes do treino, que não achava tão necessário, e estourei.

Era frustração, porque a situação estava cada vez mais fugindo do meu controle. O Roberto Shinyashiki novamente conseguiu que eu passasse a usar essa raiva para algo benéfico. Aos poucos, me controlei e vi horizonte.

Na chegada à vila olímpica, que considero um lugar mágico, vi vários astros do esporte, embora passasse mais tempo em tratamento do que curtindo. Mas havia muitas distrações: videogame, comida e até mesmo namoro.

Muitos perguntam se tem sexo na vila. Claro que tem. Onde há pessoas querendo se relacionar sempre haverá sexo. Quando o objetivo é conquistar uma medalha, contudo, ele é menos importante.

Até porque com uma medalha olímpica você terá muito mais sexo, por muito mais tempo. Quem vai ao pódio fica muito mais bonito (risos).